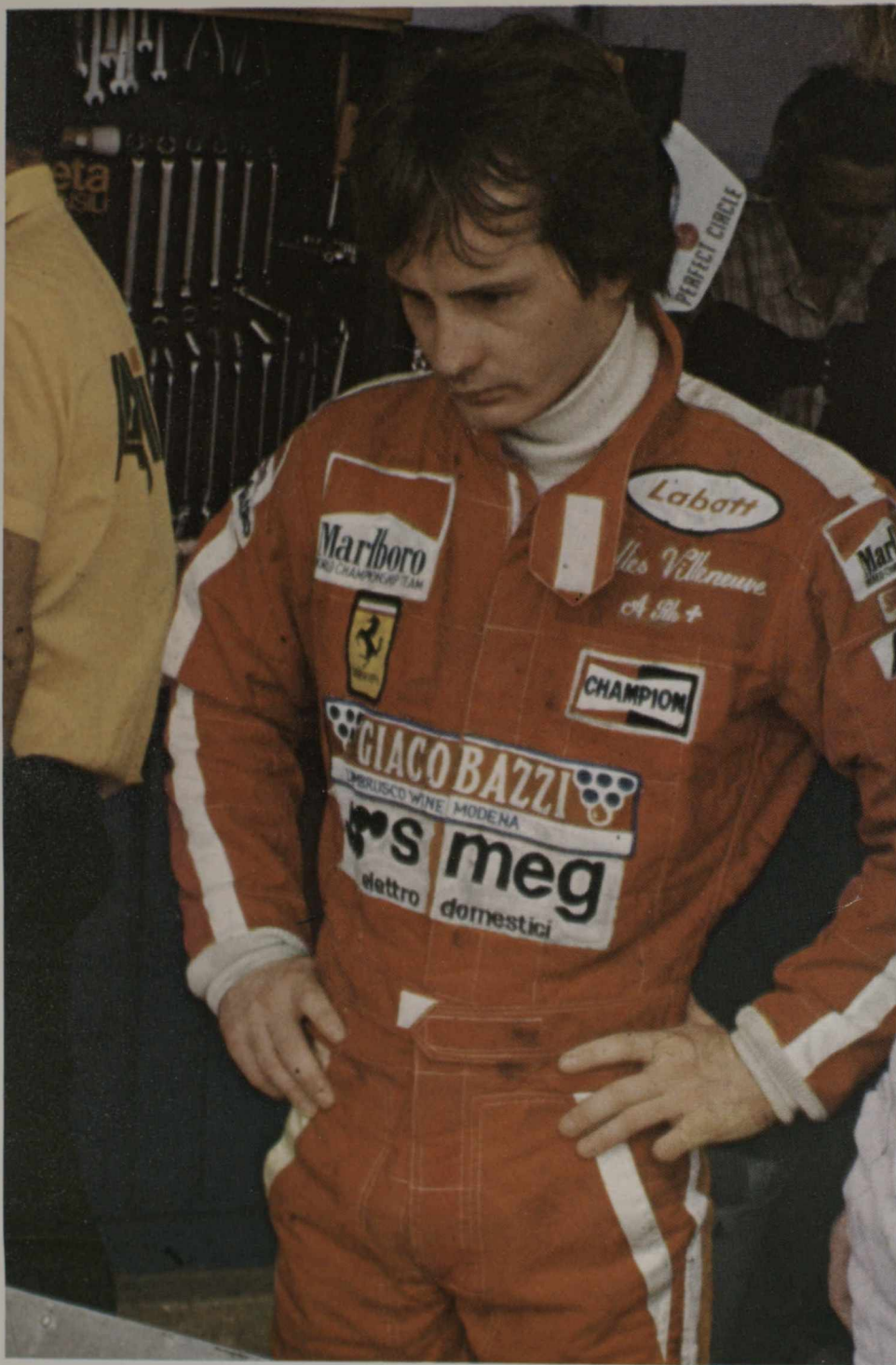


Canadá perde seu piloto n.º 1



NASCIDO em janeiro de 1952 em Berthierville, pequena cidade da província de Quebec, a 50 quilômetros de Montreal, Gilles Villeneuve chegou à Fórmula-1 após iniciar-se no esqui, esporte tradicional nas montanhas nevadas do Canadá, passando depois pelas motocicletas e finalmente aos carros sofisticados do circuito da Fórmula-1.

Apesar de ter começado na McLaren em 1977, sua carreira de piloto profissional foi toda na Ferrari. Teve nos italianos os admiradores que se orgulhavam de sua bravura e audácia com que enfrentava as pistas dos autódromos. Esta determinação nas competições vem desde os tempos em que corria de kart nas pistas de neve, fato que impres-

sionou o famoso dono da Ferrari, Enzo Ferrari, que o contratou para competir por sua escuderia. Villeneuve não se impressionou com os astros da Fórmula-1, nem tampouco com as perigosas pistas dos autódromos espalhados pelo mundo e logo passou a ser respeitado e temido.

A paixão pela velocidade

Os acidentes nas pistas tornaram-se constantes na vida do piloto. Na sua estréia na Ferrari, no Grande Prêmio do Japão, seu carro desgovernado atravessou o guard-rail, matou duas pessoas e feriu várias outras. Villeneuve não se intimidou: já estava preparado desde o início. Os acidentes se sucederam em sua carreira, talvez uma das

mais acidentadas na história da Fórmula-1. Estes acidentes eram quase sempre atribuídos a sua impetuosidade, a paixão pela velocidade. Foi esta atração pela velocidade que o fez trocar, ainda no Canadá, os esquis comuns por motocicletas montadas em esquis duplos, um esporte quase malabarístico e, posteriormente, as motocicletas pelos carros de corrida.

Astro romântico

A partir da sua estréia no Japão em 1977, Villeneuve ganhou seis grandes prêmios defendendo a Ferrari. O primeiro deles foi em 1978 no Canadá e em 1979 na África do Sul, Estados Unidos-Oeste, Estados Unidos-Este, Mônaco e finalmente Espanha.

Nada foi mais emocionante em sua carreira do que a vitória no Canadá. Foi um momento duplamente marcante: sua primeira vitória na Fórmula-1 e exatamente em seu país. As outras vitórias, assim como toda a sua atuação no circuito de Fórmula-1, foram marcadas pela arrogância e determinação. O medo não o acompanhava em suas corridas, conforme ele mesmo dizia: "Quando se faz este trabalho, não se pode ter medo. No dia em que sentir necessidade de ser prudente, de não correr riscos para vencer um Grande Prêmio, nada mais terei a fazer nos circuitos de Fórmula-1". No entanto, a arrogância, a impetuosidade e até mesmo a imprudência de Villeneuve nas pistas contrastava com seu temperamento calmo e romântico. Arredio às excentricidades dos astros de corridas, preferia nos momentos de folga a companhia da esposa Joane e dos filhos Jacques de 10 anos e Melanie, de 8. Sua ligação com a família era tão forte que comprou um trailer para que a esposa e os filhos pudessem acompanhá-lo nas viagens. Era uma forma de estar sempre ao lado da família que ele tanto preservava.

No entanto, Villeneuve estava sozinho na Bélgica para mais um desafio às máquinas e às pistas. Joane havia ficado em Montecarlo, onde residiam, para a primeira comunhão de Melanie. Villeneuve estava só em sua última viagem.

Perigo Voador

O "Perigo Voador", como ficou conhecido no circuito de Fórmula-1, se retira das pistas contra sua vontade. Oito de maio, últimos preparativos para a corrida do dia seguinte. Autódromo de Zolder, Louvain, Bélgica: Villeneuve não satisfeito com o tempo alcançado na primeira parte dos treinos, tenta melhorar sua posição. De volta à pista, com sua incontrolável vontade de vencer, busca o tempo ideal para uma boa largada. A máquina não suportou o desejo do piloto e explodiu, encerrando ali a carreira de um dos pilotos mais persistentes, corajosos e inveterados amantes da velocidade que o circuito de Fórmula-1 já conheceu.

Gilles Villeneuve morreu fiel ao seu ideal de vitória e sem ter encontrado o medo.